

Wittgenstein: a Superação do Atomismo Lógico

RESUMO

Algumas Observações sobre a forma lógica (1929) demarca o momento em que Wittgenstein parece ter se dado conta de que seu "Atomismo Lógico" precisava ser superado. O *Tractatus* é o texto que expõe seu atomismo. Nessa obra, ele vai demonstrar como os complexos são dependentes de seus átomos. Porém, em 1929, Wittgenstein percebe um elemento que ele não levava em conta no *Tractatus*, a saber, a relevância dos números na análise. Ele percebe que os números têm que fazer parte das estruturas elementares, derrubando, então, a tese da independência dos átomos lógicos.

Palavras-chave: Atomismo; Estados de coisas; Proposições elementares; Independência lógica.

ABSTRACT

"Some remarks on logical form" (1929) is the turning point from which Wittgenstein seems to have realized that his Logical Atomism must be overcome. He had presented that philosophical approach on his *Tractatus Logico-Philosophicus*, where he demonstrated how the complex structures are dependent on its atoms. However, in 1929, Wittgenstein realizes that he had neglected an element in his *Tractatus*, which was the relevance of the numbers in a logical analysis. He realizes that the number must take part on the elementary structures, rejecting, since then, the thesis of the independence of the logical atoms.

Key words: Atomism; State of things; Elementary proposition; Logical independency.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

O atomismo lógico é a concepção defendida por Wittgenstein em sua primeira fase filosófica, a saber, quando publica seu *Tractatus Logico-Philosophicus*. O autor acreditava que a atividade filosófica consistia em criar problemas que no fundo não eram problemas. O projeto de Wittgenstein implicava, antes de tudo, em mostrar que a filosofia havia criado, em grande parte, pseudoproblemas, cuja solução consistia justamente em varrê-los do domínio filosófico.

Ele acredita que a filosofia tradicional sempre trilhou por caminhos errantes, à medida em que propôs teses contra-sensuais. Desse modo, tem-se que, em Wittgenstein, os problemas filosóficos consistem, antes de tudo, em problemas de linguagem. Quando Wittgenstein fala de contra-sensos ele visa principalmente a metafísica, que é a área da filosofia que pretende teorizar sobre a essência da realidade projetada em um plano que extrapola o âmbito do meramente físico e organiza um quadro conceitual que abrange formulações de caráter ético, estético, lógico e o conhecimento do místico. Mas no que consiste mesmo um contra-senso? Para Wittgenstein, um contra-senso é uma tentativa de dizer algo sobre o qual não se pode dizer, uma vez que se trata justamente daquilo que condiciona o que pode ser dito. É a tentativa de falar daquilo que está fora dos limites do mundo, ou ainda, daquilo que está fora dos limites da linguagem, daquilo que não cabe numa teoria. Proposições contrasensuais são proposições nas quais alguns de seus constituintes não correspondem a nada no espaço lógico. Wittgenstein explica isso no prefácio de seu livro (WITTGENSTEIN, 2001):

O livro pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado). O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contra-senso.

Desse modo, o filósofo apresenta uma concepção essencialmente lógica. O *Tractatus* estabelece os limites para o pensar e, conseqüentemente, para o que pode ser descrito na linguagem. Esta é a esfera do lógico, na qual

se inscreve tudo o que pode ser pensado/dito. O mundo que concebemos é um composto de possibilidades do espaço lógico. Tudo o que é fato já estava no âmbito de possibilidades do espaço lógico. Aquilo que está fora deste espaço não pode sequer ser pensado, portanto não pode ser descrito de um modo significativo.

O atomismo lógico de Wittgenstein intenciona estabelecer as bases lógicas fundamentais para que qualquer linguagem descreva de modo significativo. As leis da lógica são necessárias e *a priori*, não devendo haver erros em lógica. Parafraseando Wittgenstein, “A lógica deve cuidar de si mesma. Isso é um conhecimento altamente profundo e importante.” (WITTGENSTEIN, Cadernos, 2.9.17). Portanto, o atomismo wittgensteiniano intenciona estabelecer as leis lógicas que governam todo o espaço de possibilidades, quer dizer, leis que valham para todo e qualquer mundo. Tudo o mais, ou seja, tudo o que estiver fora desses limites é aquilo sobre o que não se pode falar.

Dentro dos limites da lógica, Wittgenstein criou uma ontologia e uma teoria da linguagem engessadas na idéia de átomo. O par estado de coisas/proposição elementar constitui o fundamento dessa concepção atomista do filósofo, respectivamente os átomos da ontologia e do mundo.

Na teoria lógica de Wittgenstein, uma proposição elementar tem sentido desde que descreva um estado de coisas. O sentido é garantido quando uma proposição descreve uma possibilidade no espaço lógico. O sentido é determinado quando uma proposição descreve um fato que pode ser ou não verdadeiro, que pode ou não ser o caso. No entanto, uma proposição elementar é composta de termos, que, conseqüentemente, denominam os objetos do mundo. Explico melhor: os estados de coisas são formados de objetos simples. Dessa forma, as proposições elementares descrevem estados de coisas, enquanto que seus termos (nomes) designam os objetos simples. E essa é a base atomista do *Tractatus*.

Embora os estados de coisas sejam os átomos no âmbito ontológico, os objetos simples são chamados por Wittgenstein de *substância do mundo* (WITTGENSTEIN, 2001, Aforismo 2.021). Duas coisas podemos depreender daqui: 1) os átomos para Wittgenstein são os estados de coisas. Portanto, os objetos só podem ser

conhecidos no interior destes, não subsistindo sozinhos; 2) também a subsistência desses objetos é necessária, haja vista o mundo e os demais mundos possíveis careceriam de substancialidade. Essa característica dos objetos demarca o seguinte nas palavras do próprio autor:

Se o mundo não tivesse substância, ter ou não sentido uma proposição dependeria de ser ou não verdadeira uma outra proposição." (WITTGENSTEIN, 2001, Aforismo 2.0211).

Assim, há uma relação de certo modo obscura acerca da atomicidade dos estados de coisas. O que podemos afirmar, contudo, é que os estados de coisas é que são os átomos do *Tractatus*.

Todo o arcabouço de Wittgenstein é lógico. Ele não menciona como são esses objetos. Ao contrário, diz que os objetos têm propriedades internas e externas, mas que, todavia, não as podemos conhecer, pois "[...] diferenciam-se um do outro apenas por serem diferentes." (WITTGENSTEIN, 2001, Aforismo, 2.0233). Os objetos não são materiais; ao contrário, Wittgenstein reluta em dar exemplos de objetos, pois o escopo de seu projeto é única e exclusivamente lógico.

Entretanto, o ponto alto aqui aludido está por vir. Conforme defendo, o atomismo lógico de Wittgenstein tem como peça fundamental de sustentação sua idéia de independência lógica dos estados de coisas, conforme o aforismo 2.061: "Os estados de coisas são independentes uns dos outros". E mais ainda em 2.062: "Da existência ou inexistência de um estado de coisas não se pode concluir a existência ou inexistência de um outro". Ou seja, no *Tractatus*, um estado de coisas é completamente independente de todos os outros. Essa independência é lógica, não havendo qualquer relação de implicação ou contradição entre os estados de coisas. Estados de coisas são estruturas atômicas, a partir de onde podemos inferir tanto os fatos do mundo como os objetos simples. Entretanto, um estado de coisas não depende de maneira alguma de outro estado de coisas. O que torna um estado de coisas significativo é sua figuratividade na proposição elementar. A ocorrência ou a não-ocorrência de um estado de coisas não determina em nada a de qualquer outro. O fato da casa de Pedro ser amarela não influencia em nada na de Roberto ser azul. São fatos completamente in-

dependentes um do outro, não havendo nenhum tipo de implicação entre ambos os fatos.

Uma proposição como *Fa* não diz que *Ga*, como por exemplo: "Rodrigo não torce pelo Flamengo" não quer dizer que ele torça pelo Vasco, Fluminense ou Botafogo. Não há nenhum tipo de dependência entre estes estados de coisas. A proposição exemplificada deverá ser verdadeira ou falsa, de acordo com o estado de coisas correspondente. Ou Rodrigo torce pelo Flamengo, ou não torce. Se ele torce pelo Flamengo, então a proposição acima é falsa; caso ele não torça pelo Flamengo, a proposição então é verdadeira.

O atomismo lógico tem na independência lógica dos átomos (proposições elementares e estados de coisas) a sua peça-chave. Através dela Wittgenstein pôde defender que o sentido da proposição depende apenas de sua bipolaridade, não havendo nenhum tipo de dependência com outras proposições. Essa independência, entretanto, é reflexo da independência dos estados de coisas. Os fatos ocorrem ou não no mundo sem nenhuma implicação entre eles. Essa tese repercute na capacidade de figuração da linguagem, pois uma proposição só precisa espelhar o estado de coisas correspondente. Caso houvesse dependência entre estados de coisas, o atomismo wittgensteiniano estaria seriamente ameaçado, pois esta característica representa o ponto de sustentação de sua concepção *sui generis*.

O ponto de ruptura com essa tese só acontece quando Wittgenstein retorna à Cambridge em 1929 e se manifesta no artigo *Algumas Observações sobre a forma lógica* (1929). Duas questões ficam bem explícitas nesse artigo seu que demarca a ruptura do atomismo lógico: 1) a análise veri-funcional da linguagem é substituída por uma certa análise dos fenômenos; 2) a idéia de independência lógica do par proposição elementar/estado de coisas. Não me deterei no primeiro ponto, pois meu objetivo aqui é rechaçar o segundo ponto. Irei me debruçar especificamente na questão apontada acima.

Wittgenstein percebe que havia cometido um erro ao tratar a proposição elementar anteriormente. Esse erro se refere à consideração dos números em proposições atômicas. Em sua filosofia anterior ele acreditava que números não podiam fazer parte da estrutura atômica,

devendo então ser fragmentados na análise. Agora vejamos o que ele próprio diz no que se refere a isso. (WITTGENSTEIN, s.d. p. 42):

E quero fazer minha primeira observação definitiva sobre a análise lógica dos fenômenos reais: para sua representação, números (racionais e irracionais) devem entrar na estrutura das próprias proposições atômicas.

Num primeiro relance da leitura dessa passagem nada de surpreendente parece acontecer. Mas na verdade isso só ocorre num primeiro momento da leitura. Quando paramos para refletir o que isso quer dizer, então percebemos a profundidade disso na obra de Wittgenstein. Inicialmente, devemos entender o que quer dizer a inclusão de números em proposições atômicas. E o que ele quer dizer com isso é que podem existir gradações nos diversos espaços lógicos. No espaço das cores encontramos tonalidades diferentes de vermelho, de azul e das demais cores. Essas gradações internas das cores são marcadas numericamente. Um bom exemplo seria uma loja especializada de tintas. Existem diversas tonalidades da cor azul. Essas tonalidades podem ser numeradas. Essa demarcação numérica pode começar da mais clara até a mais escura. Se alguém chegar nessa loja e quiser comprar uma tinta azul, isso parecerá muito vago, pois existem muitas tonalidades do azul. Ele deverá proceder ou dizendo "quero o azul tal...", ou então trará uma amostra da tonalidade da tinta que ele quer comprar.

Em sua leitura anterior ele achava que tinha que analisar uma proposição que tivesse número em sua composição. Essa proposição ainda era complexa, devendo ser decomposta até que se encontrassem as proposições atômicas. Imaginemos uma determinada tonalidade de vermelho e digamos que ela é composta de três unidades de vermelho. Chamaremos essa tonalidade de $3(V)$. Na concepção anterior, Wittgenstein achava que essa tonalidade era resultado de um produto lógico. Neste caso, o produto lógico seria $V \& V \& V$, mas isso é igual a V . Poderíamos também tentar eliminar o número desta proposição atômica distinguindo as unidades. Seria algo como $3(V) = V' \& V'' \& V'''$. Novamente teríamos um problema, pois criaríamos três unidades de vermelho, o que seria absurdo.

A idéia básica de Wittgenstein na revisão de sua filosofia anterior é que proposições com gradações são completas. Neste caso $3(V)$ é completa e atômica, não podendo ser desmembrada em proposições mais elementares. Mas essa admissão dos números nas proposições elementares vai desembocar em outro ponto da filosofia anterior de Wittgenstein: a independência das proposições elementares.

Voltemos ao exemplo acima da loja especializada em tintas. Quando chego nesta loja e peço uma tinta azul não estarei sendo muito preciso, pois sabemos que não existe uma única tonalidade de azul. Daí duas possibilidades surgem: ou eu digo precisamente que tipo de azul busco ou, então, mostro ao vendedor uma amostra da tonalidade de azul que procuro. Ao determinar uma tonalidade específica de azul, automaticamente estarei excluindo as outras tonalidades do azul. Quer dizer, a escolha de uma coisa exclui as demais coisas naquele espaço lógico. Isto quer dizer que ao escolher um determinado azul estarei excluindo outros tons de azul; mas não poderia excluir objetos com uma determinada forma geométrica.

O ponto importante destas considerações é que uma proposição elementar não pode continuar sendo considerada logicamente independente. O exemplo acima mostra isso – não podemos enunciar uma proposição sem levar em conta suas conexões com outras proposições. A independência defendida no *Tractatus* entra em colapso nesse artigo de 1929. Wittgenstein percebe que as proposições entram em conexão dentro de um espaço lógico determinado. Se uma proposição se enquadra no espaço das cores, então todas as demais proposições desse espaço estão conectadas a ela. Ele havia proposto anteriormente que as proposições elementares eram totalmente dissociadas das demais, garantindo assim a atonicidade lógica do mundo, e conseqüentemente da linguagem.

Com isso podemos também fazer um reparo acerca da questão da negação. De acordo com a nova concepção, quando digo que $\sim Fx$, também estou dizendo (implicitamente) que pode ser o caso de $F'x, F''x... F^n$. Não nego a proposição simplesmente, mas nego-a em conexão com outras proposições, daí que outras possibilidades estão contidas implicitamente em minha proposição.

Saindo do artigo, temos uma nota de F. Waismann que atesta essa mudança. Essa nota foi datada em 25 de dezembro de 1929. Eis alguns trechos da mesma:

O que quero dizer com isso é: quando ponho um padrão em confronto com um objeto espacial, aplico todas as marcas de graduação simultaneamente. Não são as marcas de graduação individuais que são aplicadas, mas a escala inteira. Se, por exemplo, digo que tal e tal ponto no campo visual é azul, não sei somente isso, mas também que o ponto não é verde, não é vermelho, não é amarelo, etc. Apliquei simultaneamente todo o espectro das cores. Isso se vincula ao fato de eu então crer que as proposições elementares tinham de ser independentes umas das outras: do fato de que um estado de coisas prevalecia, não se podia inferir outro que não prevalecia. Mas se a minha atual concepção de um sistema de proposições estiver certa, então é verdade a regra de que do fato de que um estado de coisas prevalece podemos inferir que todos os outros estados de coisas descritos pelo sistema de proposições não prevalecem. (Apud WITTGENSTEIN, 2005, p. 263).

Aqui vemos claramente o que Wittgenstein atribuíra como sendo seu erro anterior. Sua concepção anterior era de que as proposições elementares eram independentes, não sendo possível inferir algo que não fosse ela própria. A concepção atual defende que as proposições elementares estão todas interconectadas. Isso quer dizer que não se afere apenas a proposição enunciada com a realidade, mas na verdade todo um sistema de proposições. O exemplo das cores acima é bem claro. Se sei que um objeto específico tem a cor azul, sei automaticamente que ele não tem as demais cores, que ele não é vermelho, por exemplo.

O caso das proposições que admitem graduação foi muito importante para Wittgenstein

perceber essa interdependência das proposições elementares. Algumas dessas proposições gradativas admitem números em suas composições. Wittgenstein se deu conta de que os números não podem ser eliminados como se fossem componentes que faziam tais proposições se tornarem complexas. Os números são componentes constituintes das proposições elementares.

Essa mudança em sua filosofia irá contrastar com o atomismo defendido no *Tractatus*. Assim, podemos afirmar aqui que essa mudança de concepção da proposição elementar foi o motor que impulsionou a nova concepção filosófica de Wittgenstein. Esse artigo é importante no todo da obra wittgensteiniana, pois é nele que vamos perceber o momento de ruptura com sua filosofia anterior. A partir desta ruptura, a filosofia de Wittgenstein tomará um rumo bem diferente. O desfecho de sua trajetória filosófica acontece com seu holismo semântico, fortemente estabelecido com o conceito de "jogo de linguagem". Toda essa mudança em Wittgenstein só foi possível a partir dessa nova concepção de proposição elementar. Isso não quer dizer que ela estanca aqui, mas que ela é o pontapé inicial para sua concepção madura de filosofia concluída nas *Investigações Filosóficas*.

Referências Bibliográficas

WITTGENSTEIN, L. *Algumas observações sobre a forma lógica*. Tradução de Darlei Dall' Agnol. México: *Revista Analogia* [s.d.]. p. 38-47.

_____. *Diários 1914-1916*. Tradução de Guido Imaguire. Inédito [s.n.t].

_____. *Observações filosóficas*. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 299 p.

_____. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução de Luís Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001. 294 p.